

8

A razão infantil

Não quero ser gato não quero não quero! Com tantas personagens por desempenhar tinha logo de me calhar o gato, o gato estúpido que aparece duas vezes em cena para dar uma cambalhota e meia a troco de uns bocejos de riso, tinha de me calhar a mim, havia todo um rol de proto-actores talhados para enfardar a pele do bicho, há os repetentes da quarta classe que certamente não se importam de suar dois quilos dentro do gato-palhaço, mas calhou-me a mim porque a professora embirra comigo e disse logo

tu vais ser o gato

tu vais ficar muito bem de gato

como se ser gato e estúpido fosse alguma espécie de propedêutica educacional, um Meu Filho Meu Tesouro actualizado e revisto, ela que olhava para mim e já me via dentro do amarfanhado de cabelo sintético a rebolar palco afora com os buracos dos olhos do bicho a fugirem de um lado para o outro, caí do palco num ensaio, noutros dois tive de ser agarrado num repente de alpinista almareado, mas ela olhou para mim e viu-me logo, disse de sua sentença

tu és o gato perfeito

e eu que não queria ser gato, queria ser príncipe cavaleiro rei de copas ou mesmo o ovo idiota que anda de um lado para o outro numa parede de metro e meio, queria até ser

a Alice ou o coelho mas o gato não, o gato era certamente a minha última escolha, mas a professora olhou para mim naquela pose de certeza assustadora e eu vi-me gato em menos de nada, eu que não gosto nada de gatos, são bichos elásticos e resistentes, volumes de pêlo que se esgueiram em buracos impossíveis, pequenos motores ecológicos sempre à cata de comida com vertigens, não gosto deles, sempre disse à minha mãe

gatos não

cães ratos cobras talvez

mas gatos não

até aceitava uma tarântula que habitasse um cubo de vidro bem selado, mas um gato não, os gatos não são fiéis aos donos, os gatos são casmurros como velhos, não respondem ao nome, deixam-se estar num desprezo de sono e só atendem ao chamado dos biscoitos caindo na gamela, tudo menos um gato, ainda por cima sei que a peça me vai correr mal, a peça vai correr mal de certeza, ainda estamos no segundo acto e já saltámos meio texto e uma peça infantil é um duro teste ao amor de pai e mãe, porque são desfeitas ilusões em velocidade de fósforo, os progenitores abancam as nádegas na plateia improvisada pensando que estão no Dona Maria e na verdade saem uma dúzia de maltrapilhos encarreirados como recrutas de primeiro dia a soluçar por alto um texto que foi reescrito de forma a evitar substantivos complicados, as linhas são

ditas umas por cima das outras, os actores gagos gaguejam interminavelmente e os que não são gagos solidarizam-se com os primeiros e somos todos transportados para uma terra de nenhures, habitada por paralíticos da fala e do corpo a tentarem mexer-se e comunicar e nada, não sai nada, ouve-se baixinho a voz da professora

vais ser gato

tu és o gato perfeito

a tentar programar na sequência correcta a máquina que lentamente se destroça em trambolhões de saliva e choro contido.

É a minha vez, penso que é a minha vez porque a professora está há quinze segundos a repetir

gato

gato

gato

e já soletra como nas aulas

g-a-t-o

e eu vou entrar, sem medo apesar de detestar gatos e teatro, podia estar em casa a ver televisão ou jogar computador se me portasse um bocadinho melhor nas aulas ou se ela fosse mais distraída, mas não, tenho de entrar agora, consumido pelo calor e pelo medo, os buracos da máscara vão-me tapar o cenário, vou fazer figura de palhaço, vou cair, vou partir um braço, vou morrer os meus pais vão matar-me nunca mais ninguém me fala até aos oitenta e

cinco anos porque vou carregar esta cruz

ele foi o gato idiota que estragou a peça da quarta classe que me estigmatizará enquanto a vida é vida e se não morrer hoje talvez nunca mais morra e não vejo nisso uma vantagem e

passou.

Foi tão rápido que não tenho a certeza de que aconteceu. Devo ter entrado porque as pessoas riem e eu estou do outro lado do palco mas não tenho bem a certeza, ainda estou tonto da cambalhota ou da vergonha, há dois matulões que me dão pancadinhas nas costas em jeito de parabéns e eu abano a cabeçorra de bichano como se houvesse cumprido na perfeição um papel decisivo e bem estudado, quando na verdade ainda duvido da forma como vim parar a este lado do palco.

Sei que tenho pouco tempo para me recompor do que quer que seja. Nos ensaios a coisa costumava demorar dois minutos antes da rodada seguinte, mas com os cortes providenciais que os assassinos têm feito a Lewis conto estar aos pinotes daqui a menos de sessenta segundos. É melhor preparar-me, é melhor estar bem preparado para que eu pelo menos não contribua para a catástrofe épica da Alice, porque eu até gosto da Alice, até gosto das cabeças cortadas e dos chás anacrónicos, acho piada às rosas com problemas de identidade tonal e já nem o ovo me chateia portanto é melhor estar preparado, esperar que a professora diga em

tom de contra-regra enervadiço

gato

gato

gato

esperar que ela soletre para que eu tenha a certeza e só depois entro, entro ao som compassado de quatro letrinhas duas consoantes duas vogais em jeito de juízo final para aprendizes de alfabeto, entro quando ouvir

g-a-t-o

e nunca antes porque quero ter a certeza de que é a minha vez, eu até gosto do Lewis, acho que o tipo tinha jeito para a coisa, devia beber, é certo, mas ninguém é perfeito

gato

e nem todos os bêbedos escrevem contos infantis, senão o meu vizinho de baixo já teria calhamaços de fábulas para gerações de gaiatos vindouros

gato

e o facto é que não tem, nunca teve ao que se saiba, tem é mau feitio e mau perder, já ninguém quer jogar cartas com ele, ninguém lhe passa fiado, ninguém lhe passa cartão

gato

e a mulher jura que um dia o afoga na banheira, um dia que ele volte para casa cheio de tinto e violência ela enfia-lhe o ferro da roupa na cabeça, arrasta-o até à casa de banho e chama o 112 enquanto prepara o cenário

g-a-t-o

de um banho azarado e eu entro é a minha vez e tenho de entrar e distraí-me oh meu deus distraí-me por causa do vizinho do tinto da poesia da banheira e entro tão distraído e tão afinado na sintonia da personagem que cambaleio meio passo até me desfazer numa gemada de pinotes e trambolhões, e o público aplaude, a plateia vibra, é o meu momento de glória, pasmo no meio da cena, o corpo emprestado ao felino sintético curva-se numa vénia despreziosa e já me vejo a caminhar para o segundo período com trabalhos de casa mais leves ou uma professora mais distraída, eu que não queria ser gato, jurava por todos os santinhos que gato não, antes rei cavaleiro ou ovo idiota, tudo menos gato e na verdade estou no meio do palco, os pais recuperaram o interesse e o riso e juro

juro por Deus
pelos escoteiros
pela minha mãe

que a ruivinha lá no fundo está a fazer-me um adeus prometedor, ela que ignorava a minha existência como se ignora a astronomia, mas eu salvei o Lewis o teatro a professora e o ovo idiota, eu que nem queria ser gato juro, mas juro mesmo

pelos santinhos
por Deus
pela minha mãe

que neste Natal vou esquecer os camiões as cobras os jogos e o cão e quero ter debaixo da árvore uma bola preta e felpuda a miar a lembrança da minha glória.